OPEN ACCESS
10.21665/2318-3888.v14n28p127

Ambivalências
revista de antropologia do ppga-ufs

Festas e cidades: ritos festivos e a diferença no espaço público contemporâneo

Notas sobre os bastidores das tensões e disputas no carnaval de Olinda: o caso dos blocos de samba

Akyla Alexandre Tavares Vicente Pessoa da Silva
Hugo Menezes Neto

Resumo

Este artigo analisa as tensões produzidas pelo crescimento dos blocos de samba no Carnaval de Olinda a partir de pesquisa etnográfica realizada junto às agremiações entre 2025 e 2026. Acompanhando ensaios, reuniões, grupos de WhatsApp, publicações em redes sociais e debates públicos, o trabalho examina como diferentes atores mobilizam concepções distintas sobre o que seria o Carnaval de Olinda e quais manifestações podem ser reconhecidas como parte legítima da festa. Argumenta-se que as controvérsias em torno das baterias de samba ultrapassam questões relacionadas à circulação dos cortejos, ao uso de carros de som ou à ocupação do espaço urbano. Em jogo estão disputas sobre a própria definição da olindalidade, entendida aqui como um repertório de classificações por meio do qual diferentes atores procuram definir o lugar do samba no Carnaval de Olinda. A análise demonstra que, ao mesmo tempo em que determinadas narrativas procuram situar o samba como elemento externo ou inadequado ao Carnaval da cidade, as próprias agremiações constroem formas de organização política e produção de reconhecimento. Nesse processo, os conflitos observados revelam transformações mais amplas no campo carnavalesco olindense e nas disputas em torno dos sentidos atribuídos à tradição.

Palavras-chave

Carnaval de Olinda. Blocos de samba. Controvérsias. Patrimônio cultural.

Notas sobre los bastidores de las tensiones y disputas en el Carnaval de Olinda: el caso de los bloques de samba

Resumen: Este artículo analiza las tensiones producidas por el crecimiento de los bloques de samba en el Carnaval de Olinda a partir de una investigación etnográfica realizada junto a estas agrupaciones entre 2025 y 2026. Acompañando ensayos, reuniones, grupos de WhatsApp, publicaciones en redes sociales y debates públicos, el trabajo examina cómo distintos actores movilizan concepciones diferentes sobre lo que sería el Carnaval de Olinda y qué manifestaciones pueden ser reconocidas como parte legítima de la fiesta. Se sostiene que las controversias en torno a las baterías de samba exceden cuestiones relacionadas con la circulación de los desfiles, el uso de equipos de sonido o la ocupación del espacio urbano. Lo que está en juego son disputas en torno a la propia definición de la *olindalidade*, entendida aquí como un repertorio de clasificaciones mediante el cual distintos actores buscan definir el lugar del samba en el Carnaval de Olinda. El análisis demuestra que, mientras ciertas narrativas sitúan al samba como un elemento externo o inadecuado para el Carnaval de la ciudad, las propias agrupaciones construyen formas de organización política y de producción de reconocimiento. En este proceso, los conflictos observados revelan transformaciones más amplias en el campo carnavalesco olindense y en las disputas en torno a los sentidos atribuidos a la tradición.

Palabras clave: Carnaval de Olinda. Bloques de samba. Controversias. Patrimonio cultural.

Notes on the backstage of tensions and disputes in the Olinda Carnival: the case of samba groups

Abstract: This article analyzes the tensions produced by the growth of samba groups in the Olinda Carnival based on ethnographic research conducted among these associations between 2025 and 2026. Through the observation of rehearsals, meetings, WhatsApp groups, social media posts, and public debates, the study examines how different actors mobilize distinct conceptions of what the Olinda Carnival is and which cultural expressions may be recognized as legitimate parts of the festival. It argues that controversies surrounding samba drum sections extend beyond issues related to parade circulation, the use of sound systems, or the occupation of urban space. At stake are disputes over the very definition of *olindalidade* (Olinda-ness), understood here as a repertoire of classifications through which different actors seek to define the place of samba within the Olinda Carnival. The analysis demonstrates that, while certain narratives portray samba as an external or inappropriate element within the city's Carnival, the associations themselves develop forms of political organization and recognition-building. In this process, the conflicts observed reveal broader transformations in Olinda's carnival field and in the disputes surrounding the meanings attributed to tradition.

Keywords: Olinda Carnival. Samba groups. Controversies. Cultural heritage.

Introdução

Ao chegar ao Sítio Histórico de Olinda-PE a partir do mês de setembro, o visitante provavelmente encontrará, ecoando pelas ladeiras, sons que não pertencem somente ao frevo. Embora maracatus, afoxés e outras agremiações também realizem seus ensaios nesse período, o samba passa a ocupar de forma marcante a paisagem sonora da cidade. Inicialmente, os ensaios reúnem pequenos grupos que, ao longo dos meses, crescem e alcançam sua maior expressão durante o Carnaval.

Esses agrupamentos são formados por percussionistas, ou ritmistas, que ingressam nos grupos para aprender, ensaiar e, sobretudo, desfilar no período carnavalesco. É nesse contexto que o calendário da festa se estende para muito além dos dias oficiais do

Carnaval. Os ensaios tornam-se espaços contínuos de aprendizagem, nos quais novos integrantes são incorporados às baterias e passam a compartilhar técnicas e repertórios construídos coletivamente (Silva, 2025).

Sua composição é bastante característica. O núcleo desse agrupamento é formado pela bateria e por um carro de som, responsável por sustentar os instrumentos de harmonia e a voz. Outros elementos podem estar presentes, como estandarte ou rainha de bateria, mas não constituem requisitos para a existência do grupo (Silva, 2025). É a combinação entre a bateria e o carro de som que define sua configuração.

Na cidade de Olinda, esse formato é conhecido como bloco de samba. A própria denominação é adotada pelos integrantes desses agrupamentos e orienta a forma como eles se identificam publicamente.

Conforme dados levantados durante o Carnaval de 2024 (Silva, 2025), Olinda contava, naquele momento, com 16 blocos de samba. Somadas, essas agremiações reuniam aproximadamente 1.950 integrantes, conforme informações fornecidas por suas lideranças e complementadas por dados oficiais divulgados nas redes sociais. Em termos quantitativos, o segmento do samba configurava-se como o maior entre as manifestações carnavalescas da cidade, sobretudo se considerada a composição de suas baterias (Silva, 2025).

É importante ressaltar que essa métrica de agremiações, aqui consideradas a partir de 2005, toma como referência o momento em que o número de blocos de samba em Olinda começou a se expandir. Antes desse período, havia oficialmente apenas dois blocos de samba na cidade, vale destacar que, neste contexto, refiro-me exclusivamente aos blocos de samba, e não às escolas de samba.

A distinção entre blocos de samba e escolas de samba é necessária porque essas agremiações possuem formas de organização distintas. As escolas de samba em Pernambuco foram estruturadas a partir de referências presentes no modelo carioca, especialmente no que diz respeito à lógica competitiva, aos critérios de julgamento e à composição de seus desfiles (Menezes Neto, 2024). Embora, na atualidade, as escolas também desfilem pelas ruas de Olinda em formatos que, em alguns aspectos, se aproximam dos blocos de samba, essa aproximação não elimina as diferenças históricas e organizacionais entre essas modalidades. Como o foco deste artigo recai sobre os blocos de samba, essa discussão não será aprofundada aqui.

O primeiro bloco de samba de Olinda surgiu em 1962, com o Grupo Anárquico Místico Patusco, seguido pelo D'Breck, fundado em 1998, formado por dissidentes do Patusco. A partir de 2005, observa-se um processo de atomização e multiplicação das baterias, dando origem a novas agremiações e consolidando uma rede cada vez mais capilarizada (Silva, 2025). Essa capilaridade segue em curso. No Carnaval de 2025, por exemplo, a bateria Povoada passou a integrar o conjunto dessas agremiações. E, para o

Carnaval de 2026, duas novas baterias foram apresentadas à cidade: a Bateria Toaê e a Bateria Tokda, cuja estreia foi esperada para as ladeiras de Olinda.

Este artigo tem por objetivo apresentar análises sobre o crescimento recente dos blocos de samba em Olinda e as tensões inscritas nas disputas simbólicas que esse movimento mobiliza. Para isso, privilegia a análise de situações sociais ocorridas ao longo do Carnaval de 2025, compreendidas como acontecimentos capazes de revelar os agentes envolvidos, os interesses em disputa e a forma como esses conflitos se tornam públicos.

O percurso analítico toma como referência episódios de confronto entre agremiações de frevo e blocos de samba durante o período carnavalesco, matérias jornalísticas que repercutiram a expansão dessas agremiações e críticas dirigidas aos chamados "paredões", estruturas sonoras utilizadas pelos blocos de samba. Também mobiliza comentários publicados nas redes sociais, especialmente no Instagram, nas páginas das próprias agremiações, além de observações realizadas nos bastidores da Associação Carnavalesca de Samba de Olinda (ACASO), acompanhando as discussões suscitadas pelo crescimento dos blocos de samba e as respostas construídas pelos próprios integrantes diante dessas controvérsias.

1 Tensões no sítio histórico e disputas pelo espaço urbano

O crescimento notável dos blocos de samba, como dito, não ocorre em um contexto isento de tensões. Esses blocos atuam no Sítio Histórico de Olinda praticamente o ano inteiro, de modo cíclico e ininterrupto. Ao longo do ano, essas agremiações desenvolvem um trabalho pedagógico, voltado para ensinar seus próprios integrantes, muitos deles sem qualquer noção prévia de percussão ou prática musical, isso exige um calendário estendido de ensaios e atividades formativas (Silva, 2025). Esses eventos são vistos por uma parcela dos moradores da região do Sítio Histórico de Olinda como perturbadores da ordem, devido ao som dos instrumentos quando os componentes estão ensaiando as músicas a serem tocadas no Carnaval, ou do som repetitivo durante as oficinas de aprendizado dos instrumentos. Ambos os eventos recorrentes, oficinas e ensaios, ocorrem em lugares, em sua maioria, públicos.

Esse formato é semelhante ao que ocorre com afoxés, maracatus e grupos percussivos. No entanto, além dos moradores do Sítio Histórico, os blocos de samba têm atraído maior atenção de alguns segmentos do Carnaval, sobretudo de certos representantes de agremiações tradicionais de frevo e de certos setores da gestão pública, dentre outros motivos, por causa desse calendário estendido.

Outro fator relevante é o expressivo número de integrantes desses blocos de samba. Em Olinda, a menor bateria pode reunir cerca de 50 ritmistas, enquanto a

maior pode chegar a 400 integrantes (Silva, 2025). Além do quantitativo de integrantes, a estrutura dessas agremiações mostra-se diferente de outros grupos que desfilam no Carnaval de Olinda, seja pelo carro de som ou paredões que conectam os instrumentos de harmonia aos cantores, seja pelo porte e impacto físico desses veículos nas ladeiras históricas e patrimonializadas da cidade durante o Carnaval (Silva, 2025).

Dessa forma, questões que poderiam constituir um debate público sobre os limites de uso do Sítio Histórico durante o Carnaval têm sido frequentemente deslocadas para um movimento de responsabilização dirigido, sobretudo, aos blocos de samba. Entre essas questões, destacam-se o esgotamento físico e simbólico desse espaço e a necessidade de discutir critérios para a utilização das estruturas sonoras dessas agremiações.

1.1 O argumento do esgotamento físico e simbólico do Sítio Histórico

O Sítio Histórico de Olinda impõe condições particulares para a realização do Carnaval. Tombado pela então Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), em 1968, como conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico e reconhecido pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade em 1982, o Sítio corresponde ao núcleo histórico da cidade cuja preservação passou a orientar políticas urbanísticas específicas para a área (Santana do Ó; Sá Barreto, 2024). Suas ruas estreitas, ladeiras e o conjunto arquitetônico tombado limitam a circulação e a concentração simultânea de pessoas e agremiações. À medida que a festa cresce e incorpora novas formas de participação, essas características tornam-se centrais nas discussões sobre sua organização.

As disputas em torno da ocupação do Sítio Histórico envolvem uma rede ampla de atores sociais. Moradores organizados em associações, representantes de agremiações carnavalescas, comerciantes, órgãos de preservação patrimonial, Prefeitura de Olinda e Ministério Público participam de debates recorrentes sobre os usos do espaço público, a preservação do patrimônio e os limites da realização de eventos culturais na Cidade Alta. Como argumentam Santana do Ó e Sá Barreto (2024), o processo de patrimonialização do Sítio Histórico também produziu conflitos em torno da permanência dos moradores, da expansão do turismo e das formas legítimas de ocupar esse território, fazendo do patrimônio um campo permanente de negociação e disputa.

Essa preocupação envolve o próprio modelo de concentração do Carnaval em uma área específica da cidade. Soares (2024), em reportagem no Jornal G1, relata que, de acordo com dados divulgados pela Prefeitura de Olinda, cerca de quatro milhões de brincantes circularam pelo Sítio Histórico ao longo do período momesco de 2024. Embora essa estimativa corresponda ao conjunto dos dias de festa e sua metodologia possa

ser discutida, ela evidencia a dimensão alcançada pelo Carnaval quando comparada à população residente de Olinda, estimada pelo IBGE em aproximadamente 350 mil habitantes (IBGE, 2022).

No âmbito do Inventário do Carnaval Popular de Olinda[1], do qual Akyla Silva participou como pesquisador, esse tema surgiu de forma recorrente durante a elaboração das diretrizes de salvaguarda. O crescimento contínuo da festa tem suscitado reflexões sobre os limites de uso do Sítio Histórico e sobre sua capacidade de absorver um fluxo cada vez maior de pessoas. Nesse período, muitas residências passam a funcionar como camarotes ou são alugadas temporariamente para visitantes, enquanto as vias públicas são submetidas a uma intensidade de uso muito distinta daquela observada ao longo do restante do ano.

É nesse contexto que a noção de esgotamento físico e simbólico ganha sentido. Ela não decorre especificamente da intensidade da circulação de pessoas pelas ladeiras de Olinda, mas da percepção de que um território patrimonializado passou a concentrar demandas que ultrapassam sua capacidade de acolhimento. Daí emergem discussões permanentes sobre preservação e formas de uso do espaço. O ponto central, contudo, é que essas questões dizem respeito ao conjunto do Carnaval de Olinda e não podem ser atribuídas, de forma isolada, aos blocos de samba.

Nesse cenário, o crescimento dos blocos de samba passa a ocupar um lugar de destaque. O aumento do número de agremiações e a ampliação de suas baterias alteraram a escala de ocupação das ruas. Para o Carnaval de 2027, por exemplo, uma das agremiações anunciou a expectativa de desfilar com aproximadamente quinhentos ritmistas em sua bateria. Um contingente dessa dimensão exige uma estrutura sonora compatível para sustentar os instrumentos de harmonia e a condução vocal durante o desfile.

Isso, porém, não significa que os blocos de samba sejam responsáveis pelo esgotamento do Sítio Histórico. A discussão antecede a expansão dessas agremiações e decorre da concentração do Carnaval em um perímetro patrimonializado que, ano após ano, recebe um fluxo crescente de brincantes e cortejos. O crescimento dos blocos, entretanto, torna essa questão mais visível. Pela dimensão de suas baterias e das estruturas sonoras que utilizam, essas agremiações acabam ocupando um lugar emblemático nesse debate. Em consequência, problemas que dizem respeito à organização do Carnaval como um todo passam, com frequência, a ser projetados sobre elas.

1. O Inventário do Carnaval Popular de Olinda consiste em uma iniciativa voltada à identificação e documentação das práticas, saberes, formas de organização e modos de fazer que constituem o Carnaval realizado nas ruas da cidade, com ênfase nas manifestações que ocupam o espaço público e estruturam a experiência festiva para além dos palcos e programações oficiais. Desenvolvido com vistas à instrução de um processo de reconhecimento patrimonial, o inventário busca subsidiar a formulação de diretrizes de salvaguarda voltadas à preservação e continuidade dessas práticas culturais, reconhecendo a centralidade dos sujeitos e agremiações responsáveis pela produção cotidiana do Carnaval de Olinda.

1.2 Os carros de som e o argumento da necessidade de regulamentação

Outro aspecto que passou a ocupar lugar central nas discussões sobre o Carnaval de Olinda diz respeito aos carros de som utilizados pelos blocos de samba. Diferentemente das orquestras de frevo, cuja base melódica é produzida pelos próprios instrumentos de sopro, os blocos de samba dependem de uma estrutura de amplificação para sustentar os instrumentos de harmonia – cavaquinho, violão e, em algumas agremiações, guitarra –, além da condução vocal ao longo do desfile. É por essa razão que os próprios integrantes costumam afirmar que o "carrinho", como frequentemente o denominam, integra a própria configuração da agremiação.

Durante a pesquisa de campo (Silva, 2025), observou-se que essas estruturas variam significativamente. Alguns blocos dispõem de carros de som próprios, enquanto outros dependem da locação de equipamentos disponíveis no mercado. Uma estrutura nova pode variar entre R$ 30 mil e R$ 45 mil, mesmo em modelos considerados simples, valor que ultrapassa a capacidade financeira de muitas agremiações. Como consequência, parte dos blocos recorre a empresas especializadas que disponibilizam equipamentos de diferentes dimensões, conhecidos popularmente como "paredões".

Essa diversidade também acompanha o tamanho das baterias. Blocos com maior número de ritmistas tendem a utilizar estruturas sonoras mais robustas e, em alguns casos, dois carros de som ao longo do cortejo para garantir que a voz e os instrumentos de harmonia possam ser ouvidos por todo o conjunto. Em sentido oposto, existem agremiações que utilizam estruturas menores, algumas delas deslocadas manualmente, reduzindo tanto o porte do equipamento quanto sua interferência na circulação.

É justamente nesse ponto que emerge o debate sobre a regulamentação. A discussão não decorre da simples existência dos carros de som, mas de sua circulação em um Sítio Histórico marcado por ruas estreitas, ladeiras íngremes e grande concentração de pessoas durante o Carnaval. Nessas condições, veículos de grande porte podem dificultar a mobilidade aumentando riscos para brincantes impondo desafios adicionais à gestão da festa.

Em Olinda, essas controvérsias assumem contornos próprios com a edição do Decreto Municipal nº 008/2026, fundamentado na Lei Municipal nº 5.306/2001 e em suas alterações posteriores. O decreto não proíbe a utilização de equipamentos móveis de sonorização durante o Carnaval; ele estabelece um regime de autorização e fiscalização desses equipamentos, definindo prioridades de passagem, critérios para redução temporária do volume sonoro e regras para os percursos das agremiações. Sob a justificativa de assegurar a convivência entre diferentes manifestações culturais e a fluidez das chamadas "passarelas naturais da folia", o decreto também redefine as condições de permanência dos blocos de samba no Sítio Histórico, inserindo a paisagem sonora do

Carnaval em um campo permanente de negociação entre circulação e controle urbano.

No que diz respeito ao calendário estendido dessas agremiações, as disputas em torno da emissão sonora começam muito antes do Carnaval. Os ensaios, por exemplo, reúnem a bateria, os instrumentos de harmonia e o canto que conduz o repertório musical de cada bloco de samba. Para que esse conjunto sonoro possa ser executado, torna-se necessária a utilização de equipamentos móveis de sonorização também durante os ensaios, fazendo com que essas estruturas passem a integrar a rotina das agremiações ao longo dos meses, em grande parte a partir de setembro.

Essas disputas também atravessam o campo jurídico. Em Pernambuco, a Lei Estadual nº 12.789/2005, conhecida como Lei do Silêncio, estabelece limites para a emissão de ruídos urbanos em nome da proteção do bem-estar e do sossego público. Ao longo dos últimos anos, esse dispositivo legal tem sido mobilizado como instrumento de controle sobre diferentes manifestações da cultura popular, alcançando, inclusive, sambadas de maracatus de baque solto, terreiros de religiões de matriz africana e outros eventos sonoros vinculados a comunidades tradicionais. Como argumenta Esteves (2020), a questão não reside unicamente na existência da norma, mas na forma como ela é acionada, produzindo efeitos distintos conforme os grupos envolvidos e as disputas em torno da legitimidade de suas práticas culturais.

Nesse contexto, audiências públicas e reuniões mediadas pelo Ministério Público tornaram-se recorrentes, reunindo representantes das agremiações, moradores e poder público para negociar horários, trajetos e limites da emissão sonora. A aplicação dessas normas, entretanto, não ocorre de maneira homogênea. Ela varia conforme os grupos envolvidos, os agentes públicos responsáveis por sua fiscalização e os contextos políticos em que essas disputas são produzidas, revelando que o ordenamento da paisagem sonora também constitui uma disputa pelo direito de ocupar o Carnaval de Olinda.

Por essa razão, diferentes propostas passaram a ser discutidas entre representantes das agremiações da ACASO e da Secretaria de Patrimônio e Cultura de Olinda (SEPAC). Entre elas, destacam-se a definição de limites para o porte dos carros de som, o incentivo ao uso de estruturas menores e de tração manual no Sítio Histórico e a adequação dos equipamentos de sonorização às condições de circulação durante o Carnaval, preservando sua utilização nos cortejos. O centro da discussão, nesse período, não é a eliminação dessas estruturas, mas a forma como elas circulam pelas ladeiras e compartilham o espaço com outras manifestações da festa.

Nos ensaios, entretanto, a controvérsia assume outra configuração. Como essas estruturas acompanham a preparação das agremiações durante vários meses do ano, tornam-se frequentes as disputas entre moradores que acionam a Lei do Silêncio e blocos de samba que reivindicam o direito de realizar seus ensaios como parte do exercício

de uma prática cultural. A regulamentação da paisagem sonora, portanto, desloca-se entre dois planos distintos: durante o Carnaval, organiza a circulação dos equipamentos de sonorização; no período pré-carnavalesco, passa a mediar conflitos entre o direito ao sossego e o direito à cultura.

1.3 A ideia de descentralização do Carnaval e o seu campo de disputa

Entre as propostas que ganharam força nos últimos anos, está a descentralização do Carnaval de Olinda. A ideia parte do reconhecimento de que a concentração das manifestações em um perímetro relativamente reduzido produz desafios para a preservação do patrimônio material e para a própria gestão da festa. No âmbito do Inventário do Carnaval Popular de Olinda, a descentralização aparece, inclusive, entre as diretrizes de salvaguarda elaboradas para subsidiar futuras políticas públicas.

Entretanto, o trabalho de campo revelou que a proposta não é recebida da mesma maneira pelas diferentes agremiações. Entre os blocos de samba, a principal inquietação não diz respeito à descentralização em si, mas à possibilidade de que ela recaia prioritariamente sobre essas agremiações, enquanto outras manifestações continuam ocupando o Sítio Histórico, espaço amplamente reconhecido como o principal palco do Carnaval de Olinda.

Essa percepção decorre, em parte, do crescimento recente dos blocos de samba e da dimensão que algumas de suas baterias passaram a alcançar. Diante das limitações físicas do Sítio Histórico, muitas agremiações já optaram por desfilar em circuitos de avenida situados nas proximidades do centro da festa, adaptando suas estruturas às condições desses percursos. Algumas, contudo, entendem que deixar as ladeiras significa romper uma trajetória construída ao longo de anos.

O caso do Bloco Samba Soul Delas ilustra essa compreensão. Desde sua fundação, em 2012, a agremiação realiza ensaios na Praça do Carmo e desfila pelo Sítio Histórico. Para suas integrantes, esse percurso não representa simplesmente um itinerário. Ele integra a memória do grupo e as formas de ocupação da cidade. Alterá-lo significaria modificar práticas e vínculos produzidos em um território que passou a fazer parte da própria identidade da agremiação.

Foi nesse contexto que, em diferentes situações observadas durante a pesquisa, surgiu uma distinção recorrente entre descentralização e segregação. Para Yanka Pessoa, presidente do Samba Soul Delas, mudar apenas os blocos de samba para outros circuitos não corresponde a uma redistribuição do Carnaval, mas à retirada seletiva de determinadas manifestações do espaço de maior visibilidade da festa. Como sintetizou durante a reunião da ACASO, em 29 de abril de 2026: “Se apenas os blocos

de samba forem descer, isso não é descentralizar, é separar um segmento cultural do restante". A questão, portanto, deixa de ser apenas espacial e passa a envolver reconhecimento e o direito de ocupar um território historicamente associado ao Carnaval de Olinda[2].

Nessa perspectiva, a descentralização torna-se um tema que ultrapassa a gestão dos fluxos urbanos. Ela recoloca em debate quem pode permanecer no Sítio Histórico, sob quais condições e segundo quais critérios. É justamente nesse ponto que as tensões envolvendo os blocos de samba inscrevem-se nesse campo de disputas em torno da própria definição do que constitui o Carnaval de Olinda.

2 O Carnaval de 2025 na imprensa: tensões reatualizadas e a "olindalidade"

O Carnaval de Olinda de 2025 ganhou ampla repercussão na imprensa local, revisitando tensões e disputas que, embora pareçam recentes, remontam a conflitos históricos no campo festivo da cidade[3]. Houve divergências entre baterias de samba e agremiações de frevo, além de um choque direto entre o tradicional desfile dos Bonecos Gigantes de Olinda, realizado na terça-feira de Carnaval, e as agremiações de samba que desfilavam à frente.

Esse episódio foi amplamente noticiado. No dia 11 de março de 2025, por exemplo, o *Jornal do Comércio* publicou a matéria intitulada "Crescimento das baterias de samba impõe desafios ao Carnaval de Olinda". Embora não seja a única reportagem sobre o tema[4], tampouco inverídica quanto aos desafios logísticos e es-

2. A associação entre o Carnaval de Olinda e o Sítio Histórico não constitui um dado natural, mas resulta de processos históricos que consolidaram as ladeiras e os espaços centrais da cidade como palco privilegiado da festa. Sobre a constituição dessa relação entre território, Carnaval e identidade local, ver José Ataíde Melo (1982), que analisa a formação do Carnaval olindense e a centralidade adquirida pelo Sítio Histórico na experiência festiva da cidade.

3. Hugo Menezes Neto (2024) analisa a presença das escolas de samba no Carnaval do Recife como uma espécie de "irrupção" no campo carnavalesco local, o que historicamente teria provocado reações de resistência por parte de determinados setores intelectuais e políticos da cidade. Segundo o autor, essa resistência se manifesta de diferentes formas, como na redução de subsídios públicos destinados às escolas, na diminuição do número dessas agremiações ao longo dos anos e em diversos processos de desvalorização institucional. Para uma análise mais aprofundada, ver *Tem Samba na Terra do Frevo: As Escolas de Samba no Carnaval do Recife* (Menezes Neto, 2024).

4. A repercussão do tema não se restringiu à reportagem do *Jornal do Comércio* analisada neste artigo. Ao longo de 2025, diferentes veículos de comunicação abordaram o crescimento dos blocos de samba, os conflitos envolvendo sua circulação no Sítio Histórico e as respostas apresentadas pelas próprias agremiações. Entre os materiais consultados estão "Baterias de samba de Olinda atribuem desorganização do Carnaval a ambulantes irregulares e automóveis" (*Jornal do Comércio*, 12 mar. 2025), além de reportagens institucionais da Prefeitura de Olinda sobre o balanço do Carnaval de 2025 e o Encontro dos Bonecos Gigantes. A permanência dessas controvérsias pode ser observada na cobertura realizada em 2026 pelo *Diario de Pernambuco*, que reuniu posicionamentos de representantes das baterias de samba, das agremiações de frevo, da Prefeitura de Olinda e da ex-prefeita Luciana Santos em torno da interpretação da Lei Municipal nº 5.306/2001 e da regulamentação dos carros de som. Também, Ebrahim (2026), publicou uma reportagem no Jornal *Marco Zero Conteúdo* discutindo a carta aberta da Associação das Agremiações de Frevo

truturais, a matéria funciona como um "guarda-chuva" discursivo, sob o qual se abrigam narrativas que camuflam tensões mais profundas e reproduzem hierarquias simbólicas antigas[5].

Entre as vozes mobilizadas pela reportagem do *Jornal do Comércio*, encontra-se o artista plástico Silvio Botelho, considerado "pai" dos Bonecos Gigantes de Olinda. Ao comentar o episódio envolvendo o desfile dos bonecos e as baterias de samba, o entrevistado afirmou: "A prefeitura deveria destinar uma rua para que as baterias desfilassem à vontade. O nosso desfile dá visibilidade à cultura de Olinda, enquanto as baterias tocam muitos sambas do Rio de Janeiro" (Botelho, 2025 *apud* Bento, 2025).

Ainda que apresentada como uma opinião sobre a organização do desfile, essa declaração revela uma visão hierarquizada das expressões culturais locais, em que o frevo e os bonecos são legitimados como símbolos autênticos da "olindalidade", enquanto o samba é percebido como um elemento externo, quase intruso, mesmo após décadas de presença e consolidação no Carnaval da cidade[6].

A ideia de "olindalidade" aproxima-se, nesse contexto, de formulações mais amplas como a de "pernambucanidade", ao mobilizar um conjunto de referências consideradas representativas da identidade local. No imaginário construído em torno do Carnaval de Olinda, essa identidade costuma ser associada ao frevo, aos bonecos gigantes, aos clubes e troças, manifestações frequentemente apresentadas como expressão da tradição carnavalesca da cidade. Não se trata de afirmar que essas referências sejam artificiais ou desprovidas de importância histórica. O que interessa

de Olinda (Afrevo), as respostas da Associação do Samba de Olinda, a edição do Decreto Municipal nº 008/2026 e as diferentes interpretações sobre ordenamento urbano, patrimônio e circulação das baterias no Sítio Histórico, evidenciando a continuidade e o aprofundamento desse debate no Carnaval de 2026.

5. É importante situar esse episódio em um processo histórico mais amplo. Ao longo do século XX, o frevo foi consolidado como principal expressão da identidade carnavalesca pernambucana, ocupando um lugar de centralidade, sobretudo na produção intelectual e nas narrativas públicas sobre o Carnaval. Essa associação entre frevo e uma suposta pernambucanidade foi historicamente construída e produz efeitos sobre a maneira como outras expressões carnavalescas, entre elas o samba, são percebidas e legitimadas de forma desigual, frequentemente ocupando uma posição secundária. Sobre esse processo, Menezes Neto (2016), no artigo "Gilberto Freyre entre o frevo e o samba no Carnaval do Recife", analisa como Gilberto Freyre mobilizou a figura histórica de Calabar para se referir aos amantes do samba em Pernambuco, estabelecendo uma analogia entre a adesão ao samba e a traição de Calabar às tropas pernambucanas durante a guerra contra os holandeses. Freyre chega a defender que essa "invasão" deveria ser detida, evidenciando como o samba foi representado como uma ameaça à identidade carnavalesca pernambucana. Essa chave de leitura ajuda a compreender as disputas que atravessam o Carnaval de Olinda.

6. Ver Ivaldo Marciano de França Lima, em *Quem foi que falou em frevo? Em Pernambuco se samba, e muito!* (2012), ao demonstrar como, entre as décadas de 1960 e 1990, setores da intelectualidade e da imprensa pernambucanas produziram discursos que vinculavam a autenticidade carnavalesca local ao frevo e a outras manifestações consideradas "da terra", tratando o samba como influência "estrangeira", "subcarioca" ou elemento contaminador da tradição regional. O autor evidencia, contudo, que tal ilegitimação contrastava com a forte adesão popular às escolas de samba e com a ampla presença do samba no carnaval recifense, revelando a disputa simbólica em torno do pertencimento cultural e da definição do que seria legitimamente pernambucano.

observar é como determinadas manifestações passam a ocupar uma posição privilegiada na definição do que é reconhecido como autenticamente olindense, enquanto outras, mesmo possuindo uma trajetória consolidada na cidade, permanecem sendo interpeladas como presenças deslocadas ou secundárias. É neste enquadramento que o samba aparece, em diferentes discursos, como um elemento cuja legitimidade continua sendo constantemente negociada.

É possível, e necessário, discutir as questões logísticas e estruturais que atravessam o aumento das agremiações de samba em Olinda. No entanto, o que demanda uma análise antropológica mais cuidadosa são os discursos que emergem de diferentes atores do Carnaval: ora de figuras institucionalmente importantes, ora de matérias jornalísticas, ora de manifestações públicas produzidas em torno dessas controvérsias.

Um episódio ocorrido meses após o Carnaval de 2025 ilustra como essas disputas podem produzir efeitos concretos na organização das agremiações. Segundo informações compartilhadas pelo presidente do Bloco Fábrica de Samba, denúncias apresentadas por dois moradores do Sítio Histórico levaram à intervenção da SEPAC, que solicitou a interrupção dos ensaios realizados em frente à Prefeitura, espaço tradicionalmente utilizado pelo grupo (Figura 1). A decisão causou surpresa entre os integrantes da agremiação e entre outras baterias. Como consequência, os dois ensaios seguintes chegaram a ser transferidos para a cidade do Recife. A situação ganhou novos contornos quando a informação chegou à prefeita Mirela Almeida,[7] que, segundo o presidente da agremiação, desconhecia a decisão tomada pela secretaria. Após uma reunião com a direção da Fábrica de Samba, foi autorizado o retorno dos ensaios ao local habitual, retomados já no domingo seguinte. A autorização, no entanto, teve caráter provisório, permanecendo em vigor até que a agremiação encontrasse outro espaço para a realização dos ensaios em Olinda.

7. Mirela Almeida é a atual prefeita do município de Olinda. Sua gestão tem sido frequentemente situada, no debate público local, em um campo político associado a posições mais conservadoras ou identificadas com setores da direita. Nesse contexto, parte dos agentes culturais da cidade expressa críticas e desconfianças em relação à condução das políticas culturais municipais, sobretudo no que diz respeito ao apoio às manifestações carnavalescas e às formas de interlocução com os fazedores de cultura. Esse cenário ajuda a compreender o ambiente de tensões e expectativas que marca a relação entre as agremiações carnavalescas e o poder público local.

Figura 1 – Divulgação do último ensaio da bateria Fábrica de Samba no Sítio Histórico de Olinda



Legenda: Arte de divulgação publicada nas redes sociais da bateria Fábrica de Samba anunciando seu último ensaio em frente à Prefeitura de Olinda.
Fonte: Acervo das agremiações / redes sociais do movimento (2025).

Embora os desdobramentos administrativos neste caso extrapolem os objetivos deste artigo, o episódio evidencia como disputas em torno do uso do espaço urbano podem repercutir diretamente na rotina das agremiações. A situação reforçou entre integrantes das baterias a percepção de que determinadas questões ultrapassavam os limites de um único grupo, favorecendo a construção de interlocuções agremiativas com o poder público. Ao mesmo tempo, mostrou como discursos produzidos na imprensa, entre moradores do Sítio Histórico e em outros espaços públicos podem influenciar a regulação de práticas culturais no Carnaval de Olinda. Essas articulações ganharam força ao longo de 2025.

As controvérsias envolvendo as baterias de samba não permaneceram restritas aos ensaios ou às discussões entre agremiações. Elas passaram a circular também em espaços digitais, onde diferentes atores carnavalescos comentavam os acontecimentos da festa, disputavam interpretações sobre seus significados e tornavam públicas posições que já vinham sendo debatidas em outros contextos. Nesse sentido, as redes sociais constituíram um importante espaço de visibilização dessas controvérsias.

2.1 Controvérsias públicas e repercussões no Instagram

As tensões discutidas repercutiram no Instagram, plataforma utilizada por diferentes agremiações carnavalescas para se posicionarem sobre os acontecimentos do Carnaval de 2025. Um caso emblemático ocorreu em 18 de março de 2025, quando o

bloco de frevo Minhocão de Olinda publicou, em seu perfil oficial no Instagram, um vídeo comparando o impacto sonoro de uma orquestra de frevo e do paredão de som utilizado por uma bateria de samba. A repercussão da postagem mobilizou diferentes posicionamentos nos comentários, tornando visíveis interpretações distintas sobre a presença das baterias de samba no Carnaval de Olinda e sobre os limites de sua atuação no Sítio Histórico. A legenda da postagem afirmava:

> Nesse vídeo conseguimos observar bem a diferença entre a potência do volume do som de uma orquestra com 40 músicos e uma bateria de samba com seu paredão. Só se escuta o som do paredão. (Minhocão de Olinda, 2025)

A postagem marcou o então secretário de Cultura, Luiz Adolfo[8], e a Prefeitura de Olinda, acionando simbolicamente a gestão municipal como árbitro legitimador das tensões. Os comentários deixados pelos seguidores evidenciam a circulação de discursos que atualizam antigas hierarquias entre frevo e samba:

> "Uma tristeza ver o nosso patrimônio cultural imaterial da humanidade, o frevo, sendo abafado por um som de samba."
> "Já deveria ter proibido agremiações de samba."
> "Chega a ser bizarro isso acontecer no centro do Carnaval pernambucano."

Nos comentários da postagem, a discussão sobre o ordenamento da festa rapidamente deu lugar a questionamentos sobre a própria presença do samba no Carnaval de Olinda. Expressões como "esses grupos invadiram o Carnaval de Olinda", "respeitem a terra do frevo" e "não vamos a Olinda para ver samba" apareceram entre as reações à publicação. Embora não constituam um *corpus* sistemático de análise, esses comentários registram uma controvérsia pública na qual o samba surge associado à inadequação ao Carnaval de Olinda, enquanto o frevo é mobilizado como referência de autenticidade. Nesse contexto, as discussões ultrapassam questões relacionadas aos paredões e passam a acionar disputas sobre pertencimento e sobre quais manifestações são reconhecidas como parte da festa.

A repercussão dessas controvérsias alcançou também os bastidores das agremiações de samba. Em sua inserção etnográfica junto aos blocos de Olinda, Akyla Silva acompanhou discussões realizadas em grupos de WhatsApp que reuniam dirigentes

8. Luiz Adolfo é uma figura amplamente reconhecida no Sítio Histórico de Olinda por sua atuação à frente da gestão do Clube de Alegoria e Crítica Homem da Meia-Noite, um dos personagens mais emblemáticos do Carnaval olindense. Para além de sua relevância na condução administrativa e simbólica da agremiação, foi convidado, em um contexto de desgaste da popularidade da equipe gestora da Prefeitura de Olinda, a assumir a Secretaria de Cultura do município, em uma tentativa de reaproximação entre o poder público, a cultura popular e os fazedores de cultura da cidade. Morador do Sítio Histórico de Olinda, Luiz Adolfo demonstra conhecimento aprofundado das dinâmicas locais e das demandas da Sociedade de Defesa da Cidade Alta (SODECA).

e representantes das agremiações vinculadas à ACASO. Diante das críticas públicas dirigidas às baterias, surgiram propostas de elaboração de uma nota ou carta aberta destinada a instituições e personagens influentes da cidade. A iniciativa buscava sinalizar disposição para o diálogo em torno dos desafios do Carnaval, sem transformar a presença do samba em objeto de justificativa pública. Com o avanço das discussões, contudo, prevaleceu o entendimento de que a prioridade deveria ser o fortalecimento da articulação entre as próprias agremiações de samba.

Em meio à intensificação das controvérsias em torno do samba, a ACASO passou a ocupar um papel mais ativo na articulação entre os blocos associados. Em reunião extraordinária realizada em março de 2025, representantes das agremiações discutiram formas de enfrentar coletivamente os desafios colocados por aquele contexto. Os encaminhamentos produzidos naquele encontro evidenciam como as controvérsias contribuíram para acelerar processos de organização que já vinham sendo construídos entre os blocos de samba de Olinda.

> O mapeamento interno dos blocos, identificando integrantes, funções e demandas específicas – uma medida que visava aprimorar a capacidade organizativa da ACASO.
> O agendamento de uma reunião com a Secretaria de Cultura, a prefeita de Olinda Mirela Almeida e sua equipe, acompanhada de convites a lideranças importantes do campo carnavalesco, como Fabiano Santos (Presidente da União dos Afoxés de Pernambuco[9]).
> Fazer novas convocatórias para que as agremiações que ainda não faziam parte da ACASO, pudessem se associar.

Durante as discussões, destacou-se que a realização de um mapeamento interno extrapolava uma finalidade meramente administrativa. O levantamento de informações sobre os integrantes das agremiações, seus percursos, formas de participação e perfis sociais era compreendido como um recurso capaz de produzir *capital simbólico*[10] para a própria ACASO. Ao conhecer com maior precisão quem compõe as baterias de samba de Olinda, a entidade passaria a dispor de elementos mais consistentes para dia-

9. Fabiano Santos é presidente da União dos Afoxés de Pernambuco e do Afoxé Alafin Oyó. Sua atuação o coloca como uma figura estratégica para o fortalecimento da articulação entre as agremiações de samba, uma vez que, segundo o próprio Fabiano, os processos de esvaziamento, marginalização vivenciados atualmente pelo samba guardam semelhanças com aqueles enfrentados pelos afoxés no final da década de 1980.

10. Pierre Bourdieu define capital simbólico como o conjunto de recursos baseados no reconhecimento social, afirmando que "toda diferença reconhecida, aceita como legítima, funciona por isso mesmo como um capital simbólico que obtém um lucro de distinção" (Bourdieu, 2013, p. 111). Nesse sentido, o capital simbólico refere-se ao prestígio, à reputação e ao reconhecimento social acumulados por indivíduos ou grupos no interior de um determinado campo social. No caso das agremiações de samba em Olinda, essa noção permite compreender como elementos como tradição, visibilidade pública, número de integrantes, reconhecimento institucional e prestígio cultural operam como formas de valorização simbólica no interior das disputas do campo carnavalesco.

logar com o poder público, fundamentar reivindicações e disputar narrativas sobre a relevância do samba no Carnaval da cidade.

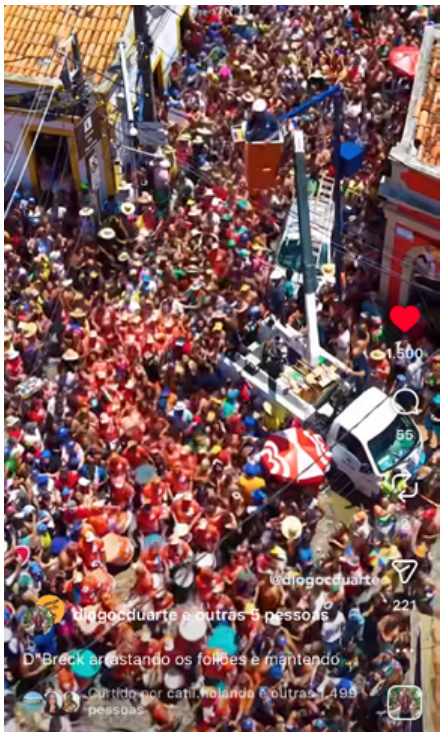
A proposta de mapeamento buscava produzir informações sobre os integrantes das agremiações, contemplando aspectos como gênero, raça/cor, território, orientação sexual e renda. O levantamento permitiria conhecer melhor a composição dessas baterias, identificar demandas recorrentes e subsidiar processos de planejamento. Em meio às disputas em torno da presença do samba no Carnaval de Olinda, a sistematização desses dados passou a ser percebida como um recurso importante para fortalecer a atuação da ACASO e qualificar sua interlocução com o poder público.

As conversas acompanhadas junto aos integrantes das agremiações de samba revelavam que os conflitos do Carnaval de 2025 já não eram discutidos apenas a partir dos episódios ocorridos durante os desfiles. Cresciam as preocupações com a forma como esses acontecimentos eram narrados publicamente. Nesse contexto, a circulação da matéria "Ouviu menos frevo no Carnaval de Olinda? Entenda razões por trás do fenômeno" (Bento, 2025) tornou-se objeto de intensos debates entre integrantes das agremiações de samba. A reportagem buscava discutir a diminuição da presença das orquestras itinerantes de frevo nas principais vias do Sítio Histórico e apresentava diferentes fatores associados a esse processo, entre eles a redução das contratações promovidas pelo poder público e o crescimento das baterias de samba.

Entre dirigentes e integrantes das baterias de samba, contudo, a matéria foi frequentemente lida como parte de um conjunto mais amplo de narrativas que vinha se consolidando na imprensa após o Carnaval de 2025. A preocupação manifestada por muitos deles não estava na discussão sobre os desafios enfrentados pelo frevo, considerada legítima, mas na possibilidade de que a expansão das baterias passasse a ser apresentada como uma das principais explicações para problemas cuja origem envolvia decisões institucionais e disputas mais amplas em torno da ocupação do espaço carnavalesco.

Nas conversas acompanhadas, era recorrente a percepção de que as agremiações de samba vinham sendo responsabilizadas por problemas ocorridos durante o Carnaval. Integrantes das baterias argumentavam que as dificuldades de circulação no Sítio Histórico não poderiam ser atribuídas exclusivamente à presença do samba, já que envolviam diferentes condicionantes, entre eles a circulação de veículos de grande porte durante o período carnavalesco, frequentemente apontada como um fator que dificultava a fruição dos desfiles e contribuía para a geração de transtornos nas vias do Sítio Histórico (Figura 2). A imagem a seguir, registrada durante o Carnaval de 2025, ilustra um dos exemplos mobilizados por esses sambistas para sustentar essa interpretação.

Figura 2 – Veículo de manutenção elétrica no percurso do desfile do bloco D'Breck



Legenda: Registro extraído de vídeo publicado nas redes sociais da bateria D'Breck durante o Carnaval de 2025.
Fonte: Acervo das agremiações / redes sociais do movimento (2025).

As discussões revelavam uma preocupação com a forma como determinados acontecimentos passavam a circular na esfera pública. Entre integrantes da ACASO, era recorrente a avaliação de que, após repercutirem na imprensa ou nas redes sociais, certos episódios adquiriam significados difíceis de contestar, percepção frequentemente sintetizada pela expressão: "o veredito já foi dado". Diante disso, ganhava força a necessidade de ampliar os canais de interlocução com o poder público e de disputar interpretações que associavam as agremiações de samba a problemas mais amplos do Carnaval de Olinda.

Nesse contexto, registros produzidos pelos próprios integrantes das baterias passaram a circular com frequência nas redes sociais. Entre eles, destacavam-se vídeos do desfile do D'Breck pelas ladeiras da Cidade Alta, nos quais um grande contingente de foliões acompanhava o cortejo. A repercussão dessas publicações, expressa pelo elevado número de curtidas, compartilhamentos e comentários, indica que as baterias de samba também vinham consolidando presença significativa nos ambientes digitais e ampliando a visibilidade de suas atividades (Figura 3). Essas imagens eram frequentemente mobilizadas pelos participantes como evidência da presença do samba no Carnaval de Olinda e como contraponto a interpretações que questionavam sua relevância na festa.

Figura 3 – Repercussão do desfile do Bloco D'Breck no Instagram da agremiação



Legenda: Publicação da página "Carnaval de Olinda Oficial" no Instagram destacando a grande adesão popular ao desfile do bloco de samba D'Breck.
Fonte: Acervo das agremiações / redes sociais do movimento (2025).

A observação desses episódios sugere que o samba ocupa uma posição particular no Carnaval de Olinda. Embora mobilize milhares de foliões e esteja cada vez mais presente nas ladeiras da cidade, sua permanência no Sítio Histórico continua sendo objeto de questionamentos. Os conflitos observados em 2025 indicam que essas controvérsias não se limitam à dinâmica dos desfiles, mas envolvem disputas sobre os sentidos atribuídos ao Carnaval de Olinda. Nesse contexto, as articulações promovidas pela ACASO aproximaram agremiações que historicamente atuavam de forma mais dispersa, evidenciando efeitos que ultrapassaram os episódios que lhes deram origem.

2.2 Articulações políticas e disputas por reconhecimento do samba em Olinda

As articulações desencadeadas após o Carnaval de 2025 ultrapassaram os limites da ACASO. Em outubro daquele ano, representantes de diferentes baterias passaram a construir um espaço mais amplo de interlocução por meio de um grupo de WhatsApp denominado Baterias de Olinda, que reunia agremiações vinculadas à Associação e

também grupos independentes. A iniciativa evidenciava a existência de redes de articulação que extrapolavam a estrutura formal da ACASO e aproximavam diferentes participantes envolvidos na organização dos blocos.

As discussões desenvolvidas nesse espaço buscavam ampliar os canais de interlocução das baterias de samba. Entre as iniciativas debatidas, estava a elaboração de um documento coletivo destinado à Câmara Municipal de Olinda, apresentando um panorama das agremiações e de suas atividades. Também ganhou destaque a proposta de criação do Dia Municipal do Samba, articulada ao Dia Nacional do Samba, acompanhada da discussão sobre uma Semana do Samba voltada à valorização e difusão dessas manifestações na cidade.

As discussões também resultaram na produção de materiais destinados à apresentação pública das agremiações, destacando aspectos de suas atividades que costumam permanecer pouco visíveis fora do período carnavalesco. Parte desse material foi posteriormente apresentada ao vereador Jesuíno Araújo, interlocutor político próximo à prefeita Mirela Almeida. Durante as conversas, os participantes tomaram conhecimento da existência de uma indicação já apresentada à Câmara Municipal para a criação do Dia Municipal do Samba, o que abriu novas possibilidades de diálogo institucional.

Entre os desdobramentos dessas articulações estiveram a proposição de votos de aplausos às baterias de samba e o acolhimento, pela gestão municipal, da proposta de realização de uma semana do samba. Foi nesse contexto que um dos autores deste artigo foi convidado a apresentar os resultados de sua pesquisa sobre os blocos de samba de Olinda, inserindo o trabalho nas discussões que mobilizavam as agremiações naquele momento.

Outro episódio que se tornou significativo nesse processo foi a vinda da escola de samba Unidos do Viradouro, do Rio de Janeiro, para Olinda. A presença da escola ocorreu no contexto de uma articulação envolvendo a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE) e o Afoxé Alafin Oyó, presidido por Fabiano Santos, que intermediou a participação da Viradouro em um festival promovido pelo grupo.

A partir dessa articulação, surgiu a proposta de reunir diferentes baterias de samba da cidade em um desfile conjunto que contou com a participação da escola carioca (Figura 4). A presença da Viradouro constituiu um episódio inédito nas ladeiras do Sítio Histórico de Olinda e foi interpretada pelos integrantes dos blocos de samba como um gesto de reconhecimento da dimensão que o samba havia alcançado na cidade. A presença da escola carioca representava um gesto de prestígio a um circuito já consolidado em Olinda, composto por dezenas de blocos e baterias que, ao longo dos anos, passaram a mobilizar milhares de participantes no período pré-carnavalesco. Nesse sentido, o episódio reforçava a visibilidade alcançada pelas agremiações olindenses e a projeção que esse crescimento já produzia para além de Pernambuco.

Figura 4 – Divulgação da participação da escola de samba Unidos do Viradouro em Olinda



Legenda: Publicação da página "Carnaval de Pernambuco" no Instagram divulgando a presença da escola de samba Unidos do Viradouro no Sítio Histórico de Olinda.
Fonte: Acervo das agremiações / redes sociais do movimento (2025).

O desfile teve concentração às 18 horas de um sábado do mês de novembro e percorreu alguns dos principais corredores e ladeiras do Sítio Histórico de Olinda, atravessando áreas centrais que tradicionalmente concentram grande parte da circulação carnavalesca da cidade. Para a ocasião, foi autorizada a utilização de apenas um carro de som, medida que dialogava diretamente com os debates então em curso sobre a regulamentação dessas estruturas no Carnaval de Olinda.

A articulação em torno da recepção à Viradouro foi conduzida, em grande medida, por Fabiano Santos, reconhecido entre diferentes blocos como um interlocutor atento às pautas do samba na cidade. Sua proposta consistia em transformar a visita da escola carioca em uma demonstração pública da capacidade de mobilização das agremiações olindenses.

A iniciativa buscava reunir o maior número possível de baterias em um mesmo cortejo, evidenciando a extensão das redes construídas pelo samba em Olinda. A imagem a seguir registra as agremiações que participaram da recepção à Unidos do Viradouro e permite observar um processo mais amplo de articulação entre diferentes grupos (Figura 5), intensificado em meio às controvérsias sobre a presença do samba no Carnaval da cidade.

Figura 5 – Arte de divulgação do movimento "Unidos pelo Samba"



Legenda: Arte de divulgação do movimento "Unidos pelo Samba", criada para anunciar a mobilização coletiva que reuniu diferentes baterias de samba de Olinda em um cortejo conjunto no Sítio Histórico da cidade.
Fonte: Acervo das agremiações / redes sociais do movimento (2025).

A expectativa era que a presença simultânea de diversas baterias, somada à participação da escola de samba carioca, ampliasse a visibilidade do evento. A reunião de diferentes agremiações em um mesmo percurso tinha potencial para tornar perceptível algo que, em geral, aparece de forma fragmentada ao longo do calendário carnavalesco: a dimensão alcançada pelo samba em Olinda. O cortejo colocava lado a lado grupos oriundos de diferentes territórios da cidade e produzia uma imagem difícil de ignorar. Entre os participantes, circulava a percepção de que a expressiva adesão ao evento poderia contribuir para reposicionar o samba nos debates públicos sobre o Carnaval, evidenciando sua capacidade de mobilização e sua presença cada vez mais significativa na festa (Figura 6). Sendo esse o resultado:

Figura 6 – Chegada do cortejo "Unidos pelo Samba" ao Largo do Amparo



Legenda: Registro da chegada do cortejo coletivo organizado por diferentes baterias de samba de Olinda ao Largo do Amparo.

Fonte: Acervo das agremiações / redes sociais do movimento (2025).

No dia 5 de novembro de 2025, uma nova reunião entre representantes das baterias foi realizada com o objetivo de definir encaminhamentos políticos mais amplos. Entre as propostas acordadas, estavam o avanço do reconhecimento do samba como patrimônio cultural imaterial do município de Olinda, a formalização do Dia Municipal do Samba, a realização de votos de aplauso às agremiações e a elaboração de propostas de alteração na legislação municipal do Carnaval para contemplar demandas específicas das baterias, como a realização de ensaios, oficinas e outras atividades preparatórias ao longo do ano.

O encaminhamento dessas demandas à Câmara Municipal evidencia que, para além das controvérsias que atravessam o Carnaval de Olinda, as baterias de samba vêm construindo formas de organização política e interlocução institucional. As articulações desenvolvidas ao longo de 2025 revelam a constituição de um campo de ação voltado à ampliação do reconhecimento e das condições de continuidade do samba na cidade.

As dinâmicas descritas ao longo deste artigo indicam que o crescimento das agremiações de samba em Olinda não se traduz automaticamente em unidade organizativa. Iniciativas recentes, como o movimento Unidos pelo Samba, evidenciam tanto o potencial quanto os limites da construção de agendas agremiativas. Nesse contexto, a ACASO tem desempenhado um papel importante na articulação entre diferentes gru-

pos, embora seu alcance não abarque a totalidade das baterias existentes. Ao mesmo tempo, os acontecimentos que antecederam o Carnaval de 2026 indicavam que essas disputas tendiam a se intensificar. A criação de uma Associação voltada às agremiações de frevo e a circulação de uma nota pública contrária à presença dos chamados "paredões" evidenciam como debates aparentemente técnicos sobre sonoridade e uso do espaço urbano passaram a ocupar posição central nas controvérsias carnavalescas.

Em meio a esse cenário, os chamados paredões tornam-se um objeto que demanda reflexão. A forma como essas estruturas são utilizadas, sua potência sonora e o espaço que ocupam nas ruas podem ser objeto de regulamentação e adaptação, sobretudo diante das especificidades do Sítio Histórico de Olinda. Isso, contudo, não equivale à deslegitimação das estruturas de som em si. Para as agremiações de samba, esses equipamentos constituem uma condição fundamental para a realização dos cortejos, permitindo que a voz e os instrumentos de harmonia acompanhem as baterias ao longo do percurso. Nesse sentido, a discussão sobre eventuais ajustes técnicos não pode ser confundida com narrativas que tomam essas estruturas como justificativa para restringir a presença do samba no Carnaval de Olinda.

Considerações finais

As situações analisadas sugerem que as controvérsias em torno das baterias de samba não podem ser compreendidas apenas como disputas sobre circulação, volume sonoro ou ordenamento urbano. Em diferentes momentos, o que se encontrava em discussão era a própria definição do que pode ser reconhecido como parte do Carnaval de Olinda. Nesse sentido, a noção de olindalidade emerge menos como uma identidade estável do que como um campo de negociações permanentes. Ao mobilizar referências associadas à tradição carnavalesca da cidade, diferentes atores procuram estabelecer fronteiras de pertencimento e atribuir maior ou menor legitimidade a determinadas manifestações. O caso do samba evidencia justamente esse processo, ao revelar como uma prática profundamente enraizada em bairros e trajetórias olindenses continua sendo, em certos contextos, interpelada como presença deslocada.

Ao longo da pesquisa, tornou-se evidente que parte dessas disputas opera por meio de categorias amplas que condensam questões de naturezas distintas. Argumentos relacionados à circulação no Sítio Histórico ou à utilização de estruturas sonoras frequentemente apareciam articulados a avaliações mais abrangentes sobre o lugar do samba na festa. Nesse processo, problemas concretos do Carnaval tendiam a ser reunidos sob um mesmo enquadramento interpretativo, produzindo aquilo que, neste artigo, foi denominado de "guarda-chuva discursivo". A força desse mecanismo não reside em

sua capacidade de eliminar divergências, mas em tornar determinadas interpretações mais visíveis e socialmente plausíveis do que outras. Por essa razão, compreender as tensões observadas exige atenção aos acontecimentos em si e às formas pelas quais eles são narrados e classificados nos debates públicos.

Portanto, os acontecimentos aqui analisados mostram que o crescimento das baterias de samba vem produzindo rearranjos importantes no campo carnavalesco olindense. As disputas observadas não se restringem ao uso das ruas, aos percursos ou às estruturas sonoras. Elas alcançam questões relacionadas aos sentidos atribuídos à identidade carnavalesca de Olinda e aos critérios pelos quais determinadas manifestações são reconhecidas como parte legítima desse patrimônio. Ao acompanhar esses processos, o artigo procurou registrar um momento específico dessa trajetória, marcado pela ampliação das baterias de samba, pela intensificação dos debates públicos em torno de sua presença e pelo surgimento de novas formas de articulação política entre as agremiações. Os desdobramentos posteriores a 2026 permanecem em aberto e indicam a importância de acompanhar etnograficamente como essas relações continuarão a ser negociadas nos próximos carnavais.

Referências

ATAÍDE, José. **Olinda, Carnaval e povo: 1900-1981**. Olinda: Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, 1982.

BENTO, Emannuel. Crescimento das baterias de samba impõe desafios ao Carnaval de Olinda. **Jornal do Commercio**, Recife, 11 mar. 2025. Disponível em: https://jc.uol.com.br/cultura/2025/03/11/crescimento-das-baterias-de-samba-impoe-desafios-ao-carnaval-de-olinda.html. Acesso em: 10 ago. 2026.

BENTO, Emannuel. Ouviu menos frevo no Carnaval de Olinda? Entenda razões por trás do fenômeno. **Jornal do Commercio**, Recife, 14 mar. 2025. Disponível em: https://jc.uol.com.br/cultura/2025/03/14/ouviu-menos-frevo-no-carnaval-de-olinda-entenda-razoes-por-tras-do-fenomeno.html. Acesso em: 10 ago. 2026.

BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 96, p. 105-115, 2013.

EBRAHIM, Raíssa. Frevo pede passagem em carta sobre baterias de samba no Carnaval de Olinda. **Marco Zero Conteúdo**. 2026. Disponível em: https://marcozero.org/frevo-pede-passagem-em-carta-sobre-baterias-de-samba-no-carnaval-de-olinda. Acesso em: 10 ago. 2026.

ESTEPHANIA, Camila. Baterias de samba e agremiações de frevo defendem desfiles no Sítio Histórico de Olinda; saiba o que diz a lei. **Diário de Pernambuco**, Recife, 10 fev. 2026.

ESTEVES, Leonardo Leal. Patrimônio cultural e repressão policial: o caso da proibição das sambadas do Maracatu de Baque Solto em Pernambuco. **Cadernos NAUI**, Florianópolis, v. 9, n. 17, p. 131-153, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022: população residente em Olinda (PE)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://censo2022.ibge.gov.br. Acesso em: 20 mar. 2025.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Quem foi que falou em frevo? Em Pernambuco se samba, e muito! **Revista Ágora**, Recife, n. 16, 2012.

MENEZES NETO, Hugo. Gilberto Freyre entre o frevo e o samba no Carnaval do Recife. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 735-754, set./dez. 2016.

MENEZES NETO, Hugo. **Tem samba na terra do frevo: as escolas de samba no Carnaval do Recife**. Recife: Ed. UFPE, 2024.

SOARES, Fernanda. Carnaval de Olinda recebeu mais de 4 milhões de foliões e movimentou R$ 400 milhões; veja números da festa. **G1**, Recife, 15 fev. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/pe/pernambuco/carnaval/2024/noticia/2024/02/15/carnaval-de-olinda-recebeu-mais-de-4-milhoes-de-folioes-e-movimentou-r-400-milhoes-veja-numeros-da-festa.ghtml. Acesso em: 30 maio 2026.

SANTANA DO Ó, Elaine; SÁ BARRETO, Francisco. Olinda patrimônio do mundo: gentrificação como tecnologia da expulsão em sítios históricos. **História Oral**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 49-74, set./dez. 2024. DOI: 10.51880/ho.v27i3.1469.

SILVA, Akyla Alexandre Tavares Vicente Pessoa da. **O carnaval dos blocos de samba em Olinda: agremiações, memórias e comunidades**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2025.